

Fatores cristalizadores de decisão na adoção (ou não) de práticas de Ciência Aberta

Key factors influencing the decision to adopt (or not) Open Science practices

Factores determinantes a la hora de adoptar (o no) prácticas de Ciencia Abierta

Marcela Lino da Silva

Doutora em Ciência da Informação

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-4233-4036> E-mail: linomarcela@gmail.com

Raimundo Nonato Macedo dos Santos

Doutor em Information Stratégique Et Critique Veille Technol

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-9208-3266> E-mail: raimundo.macedo@ufpe.br

Arlindo Figueirôa Escobar Teixeira de Oliveira

Doutor em Ciência da Informação

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-1019-6540> E-mail: afeto@cin.ufpe.br

Rev. Inf. na Soc. Contemp., Natal, RN, v. 10, 2026

ISSN 2447-0198

DOI: <https://doi.org/10.21680/2447-0198.2026v10n1>

Submetido em: 25-01-2026

Reapresentado em: 09-04-2026

Aceito em: 13-04-2026



RESUMO

Introdução: A Ciência Aberta tem promovido transformações no modo de fazer ciência e conduzir a pesquisa, especialmente a partir dos anos 2000 com o movimento de Acesso Aberto. Essas mudanças impactam a concepção, o desenvolvimento e a comunicação dos estudos científicos, evidenciando tanto a colaboração quanto a competitividade do ambiente acadêmico-científico. Nesse contexto, especialmente nas Ciências da Saúde, destacam-se os cadernos de laboratório como registros ricos e detalhados do processo de pesquisa, documentando o percurso investigativo desde os experimentos iniciais até os resultados finais, incluindo avanços, ajustes e eventuais falhas. **Objetivo:** Identificar os condicionantes da

abertura de cadernos de laboratório nas Ciências da Saúde, examinando as barreiras e os facilitadores para essa transparência. **Metodologia:** A pesquisa é descritiva e trata-se de uma análise secundária de dados oriundos de entrevistas semiestruturadas realizadas com 13 pesquisadores de um instituto das Ciências da Saúde, a partir de um novo recorte analítico voltado aos fatores decisórios relacionados à abertura de registros e dados científicos. **Resultados:** Os resultados evidenciam que a decisão de abrir ou fechar cadernos de laboratório na área da saúde é condicionada por fatores cristalizadores de decisão de natureza comportamental, institucional, técnica e cultural, que atuam como pontos de inflexão entre abertura e sigilo. **Conclusão:** Conclui-se que a abertura dos cadernos de laboratório constitui um processo gradual, condicionado pela cultura acadêmica e pela proteção da privacidade científica, e dependente do redesenho dos fatores decisórios à luz dos princípios da Ciência Aberta.

Palavras-chave: ciência aberta; cadernos de laboratório; ciências da saúde; processo decisório.

ABSTRACT

Introduction: Open Science has promoted transformations in the way science is done and research is conducted, especially since the 2000s with the Open Access movement. These changes impact the design, development, and communication of scientific studies, highlighting both collaboration and competitiveness in the academic-scientific environment. In this context, especially in the Health Sciences, laboratory notebooks stand out as rich and detailed records of the research process, documenting the investigative journey from initial experiments to final results, including advances, adjustments, and eventual failures. **Objective:** Identify the factors that influence the opening of laboratory notebooks in Health Sciences, examining the barriers and facilitators for this transparency. **Methodology:** This is a descriptive study and a secondary analysis of data from semistructured interviews conducted with 13 researchers at a health sciences institute, based on a new analytical framework focused on the decision-making factors related to the disclosure of scientific records and data. **Results:** The results show that the decision to open or close laboratory notebooks in the health field is conditioned by crystallizing factors of a behavioral, institutional, technical, and cultural nature, which act as turning points between openness and secrecy. **Conclusion:** It is concluded that the opening of laboratory notebooks is a gradual process, conditioned by academic culture and the protection of scientific privacy, and dependent on the redesign of decision-making factors considering the principles of Open Science.

Keywords: open science; laboratory notebooks; health sciences; decision-making.

RESUMEN

Introducción: La ciencia abierta ha promovido cambios en la forma de hacer ciencia y llevar a cabo investigaciones, especialmente desde la década de 2000 con el movimiento de acceso abierto. Estos cambios repercuten en la concepción, el desarrollo y la comunicación de los estudios científicos, poniendo de manifiesto tanto la colaboración como la competitividad del entorno académico-científico. En este contexto, especialmente en las ciencias de la salud, destacan los cuadernos de laboratorio como registros ricos y detallados del proceso de investigación, que documentan el recorrido investigativo desde los experimentos iniciales hasta los resultados finales, incluyendo avances, ajustes y posibles fallos. **Objetivo:** Identificar los factores que condicionan la apertura de los cuadernos de laboratorio en las Ciencias de la

Salud, examinando las barreras y los facilitadores de esta transparencia. **Metodología:** El estudio es descriptivo y consiste en un análisis secundario de datos procedentes de entrevistas semiestructuradas realizadas a 13 investigadores de un instituto de Ciencias de la Salud, a partir de un nuevo enfoque analítico centrado en los factores que influyen en la toma de decisiones relacionadas con la apertura de registros y datos científicos. **Resultados:** Los resultados evidencian que la decisión de abrir o cerrar los cuadernos de laboratorio en el área de la salud está condicionada por factores cristalizadores de la decisión de naturaleza conductual, institucional, técnica y cultural, que actúan como puntos de inflexión entre la apertura y el secreto. **Conclusión:** Se concluye que la apertura de los cuadernos de laboratorio constituye un proceso gradual, condicionado por la cultura académica y la protección de la privacidad científica, y dependiente del rediseño de los factores decisorios a la luz de los principios de la Ciencia Abierta.

Palabras clave: ciencia abierta; cuadernos de laboratorio; ciencias de la salud; proceso de toma de decisiones.

1 INTRODUÇÃO

A escolha pela carreira científica e a dedicação de anos à atividade de pesquisa pressupõem, em essência, o engajamento em práticas de colaboração ampla, orientadas à promoção de avanços mais céleres e à articulação entre especialistas em áreas específicas do conhecimento. Nesse contexto, a Ciência Aberta emerge como um movimento que reconhece a colaboração como elemento fundamental para a aceleração dos processos científicos, promovendo a participação social, o aprimoramento da produção do conhecimento, a ampliação de oportunidades de financiamento e a obtenção de resultados mais eficientes.

Embora esta pareça ser uma característica natural e inerente ao processo científico, praticar a Ciência Aberta carrega consigo um caráter disruptivo, ao promover transformações nas práticas de pesquisa e, sobretudo, no modo como os pesquisadores concebem e exercem a ciência em seu dia a dia. Essas ações tornaram-se particularmente evidentes durante a pandemia de Covid-19, período em que cientistas de diferentes países mobilizaram esforços para buscar explicações e alcançar resultados capazes de mitigar o avanço de uma doença responsável por milhares de mortes diárias.

Nesse contexto, conforme destaca Alves (2021, p. 12), “a necessidade de informação rápida, transparente e acessível de forma imediata (princípios empregados pelo movimento da Ciência Aberta) tornou-se urgente e pungente”. Ela salienta a centralidade da colaboração em contextos de crise sanitária, como o vivenciado durante a pandemia, ao evidenciar sua

influência na ampliação da democracia e do acesso ao conhecimento, bem como no fortalecimento do desenvolvimento científico e tecnológico voltado ao enfrentamento de problemas complexos.

O enfrentamento recente dos países no combate ao vírus da Covid é a prova do potencial e da importância da abertura de dados e do acesso aberto aos resultados de pesquisas. Frente ao cenário de emergência da saúde, a forte colaboração da comunidade científica internacional foi essencial à superação da pandemia (Alves, 2021, p. 41).

Corroborando essa perspectiva, Stueber, Silveira e Teixeira (2022) apontam que o acesso a pesquisas relacionadas à Covid-19, quando mediado por conglomerados editoriais, constitui uma prática antiética, pois impõe barreiras ao avanço do conhecimento científico ao restringir a circulação de informações essenciais em um contexto de emergência sanitária. Com o intuito de mitigar essa barreira, os autores ressaltam que a Ciência Aberta, em suas dimensões social e política, adota uma postura crítica diante da exploração do capital intelectual científico e valoriza estratégias de resistência à privatização do conhecimento. Em outras palavras, compreendem esse movimento como uma forma de resistência política à mercantilização do saber acadêmico.

Entretanto, os obstáculos à Ciência Aberta manifestam-se em diferentes dimensões, entre as quais se destacam aspectos estruturais, financeiros e culturais, que se reconfiguram sob diversas formas e dificultam tanto a compreensão quanto a plena aceitação das práticas abertas. Esses condicionantes já estão presentes no modo tradicional de produção científica e, ao serem transportados para o contexto da Ciência Aberta, são redimensionados, assumindo maior complexidade e intensidade.

Para tanto, neste artigo, esses aspectos são analisados em correspondência ao termo “Fatores Cristalizadores de Decisão (FCD)”, oriundo dos estudos em inteligência competitiva (IC). Esses fatores consistem em elementos que conferem estabilidade, direcionamento e segurança ao processo decisório, reduzindo a predominância de decisões baseadas exclusivamente em percepções individuais ou convicções pessoais. A IC, por sua vez, reúne um conjunto de técnicas voltadas à produção de conhecimento sobre mercados, concorrentes, produtos, tecnologias e outros fatores estratégicos, emergindo da necessidade das organizações de otimizar seus resultados (Teixeira; Souza, 2017).

A relação teórica entre o conceito de inteligência competitiva e a Ciência Aberta, abordada neste trabalho, ainda é um campo pouco explorado, uma vez que não há uma

associação consolidada entre esses dois domínios nos estudos da Ciência da Informação. A inteligência competitiva pressupõe o uso sistematizado de informações obtidas de forma ética e legal, relativas ao ambiente competitivo, com o objetivo de identificar tendências e cenários e, assim, possibilitar respostas mais ágeis às mudanças (Prescott; Miller, 2002). A partir disso, é possível estabelecer uma articulação com a Ciência Aberta, na medida em que a ampliação do compartilhamento e da colaboração tende a favorecer tanto a antecipação de transformações no campo científico quanto a redução dos riscos de desatualização.

Entretanto, é importante reconhecer que a lógica da competitividade, tal como concebida no contexto empresarial, não se alinha plenamente aos princípios da Ciência Aberta. Nesse sentido, delineiam-se duas possibilidades: por um lado, a competitividade pode atuar como fator de resistência à abertura, especialmente quando associada à valorização da autoria, do prestígio e da propriedade intelectual; por outro, a abertura de dados e a promoção da colaboração podem, paradoxalmente, ampliar a competitividade de pesquisadores e instituições, uma vez que favorecem maior visibilidade, potencializam a inovação e ampliam a inserção em redes científicas, contribuindo para sua relevância e impacto no campo.

Em diálogo com essa discussão, os FCD podem ser compreendidos como elementos que tensionam a adoção da Ciência Aberta, atuando como uma balança entre impulsos favoráveis à abertura e forças que sustentam práticas mais restritivas. Assim, torna-se fundamental investigar e refletir quais desses fatores exercem maior peso e quais se configuram como principais desafios no processo de transformação do fazer científico.

Embora a Ciência Aberta não se configure formalmente como uma prática de inteligência competitiva (IC), é possível estabelecer essas aproximações conceituais, na medida em que também se orienta à produção de conhecimento a partir de necessidades fundamentalmente científicas, visando à otimização de resultados. Tais resultados se expressam, por exemplo, na aceleração dos processos científicos, na produção de conhecimentos mais consistentes e no fortalecimento da participação de diferentes atores (instituições, pesquisadores e cidadãos). Nesse cenário, contudo, a lógica competitiva característica do modelo científico tradicional tende a perder protagonismo, cedendo espaço a uma dinâmica pautada na inteligência coletiva, conforme proposto por Pierre Lévy (1994) em sua concepção de cidade inteligente, aqui reinterpretada como uma dinâmica da ciência inteligente.

Segundo Lévy (1994, p. 19), “quanto melhor os grupos humanos conseguem se constituir em coletivos inteligentes, em sujeitos cognitivos, abertos, capazes de iniciativa, de imaginação e de reação rápidas, melhor asseguram seu sucesso altamente competitivo”. Nessa perspectiva, o autor concebe a inteligência coletiva como uma inteligência distribuída, continuamente aprimorada e coordenada em tempo real, resultante da mobilização efetiva das competências individuais, potencializada pela linguagem e pelas tecnologias digitais. O conhecimento, assim, é compartilhado, descentralizado e construído de forma colaborativa no ciberespaço, preservando a autonomia dos sujeitos e promovendo o enriquecimento mútuo.

Aplicada, por analogia, ao contexto de uma ciência inteligente, essa abordagem implica modelos de gestão mais participativos e flexíveis, baseados no uso da tecnologia para engajar diferentes atores, mobilizar competências em tempo real e fomentar ecossistemas dinâmicos de conhecimento. Desse modo, a ciência inteligente afasta-se de uma lógica hierárquica e centralizada, passando a operar como uma rede colaborativa, capaz de gerar soluções adaptativas, fortalecer a inovação e responder de forma mais eficiente aos desafios contemporâneos.

Com base nisso, parte-se da seguinte pergunta de pesquisa: Quais são os condicionantes que influenciam a abertura de cadernos de laboratório nas Ciências da Saúde, considerando as barreiras e os facilitadores associados a essa prática? A fim de responder a essa questão, o objetivo deste estudo consiste em identificar os condicionantes da abertura de cadernos de laboratório nas Ciências da Saúde, examinando as barreiras e os facilitadores para essa transparência, uma vez que esses cadernos são essenciais para a reprodutibilidade na área da saúde. Busca-se, assim, uma sistematização de fatores relevantes para a decisão de abrir ou não esses registros científicos, com foco nessa área do conhecimento, evidenciando o que dificulta ou facilita a adoção de práticas abertas e que demanda atenção em suas dimensões estrutural, financeira e cultural, considerando, simultaneamente, os limites inerentes ao processo de abertura e, também, um caminho rumo a uma ciência inteligentemente aberta.

2 CIÊNCIA ABERTA PARA QUE(M)? – FATORES CRISTALIZADORES

A Ciência Aberta consolida-se como um ecossistema que articula movimentos e práticas voltados à disponibilização aberta, acessível e reutilizável do conhecimento científico,

fortalecendo a colaboração e ampliando a participação de diferentes atores sociais. Seu desenvolvimento está diretamente relacionado ao Movimento de Acesso Aberto à Informação Científica, que ganha forma no início dos anos 2000, a partir das três declarações fundantes do Acesso Aberto – Budapeste, de 2002, Bethesda e Berlim, ambas de 2003. No contexto brasileiro, esse movimento antecede inclusive tais declarações, por meio de iniciativas pioneiras do Ibict, que incorporou tecnologias de arquivos abertos e fomentou a criação de repositórios e periódicos de acesso aberto, contribuindo de maneira decisiva para a consolidação da Ciência Aberta no país (Amaro; Campos; Sena, 2025).

Cristalizar, no entanto, a prática da Ciência Aberta não tem sido (e não se espera que seja) um processo simples, dada a sua complexidade de que é “[...] um termo guarda-chuva, que engloba diferentes significados, tipos de práticas e iniciativas, bem como envolve distintas perspectivas, pressupostos e implicações” (Albagli; Clinio; Raychtock, 2014, p. 435). Envolve uma conjuntura de múltiplos atores e ações e se configura como “[...] algo em construção, que mobiliza interesses e pontos de vista distintos (e, em alguns aspectos, antagonísticos)” (Albagli, 2015, p. 9). A Ciência Aberta emerge como um modelo que promove o diálogo e a redução de hierarquias entre a comunidade científica e a sociedade, ao reunir práticas e iniciativas voltadas à democratização do conhecimento, especialmente aquele produzido em instituições públicas (Stueber; Silveira; Teixeira, 2022).

Compreender, portanto, a Ciência Aberta como um movimento permeado por uma rede de elementos capazes tanto de favorecer sua consolidação quanto de restringir seu avanço implica a necessidade de reconhecer a existência de princípios concretos com suas próprias nuances e especificidades. Sendo assim, entende-se a Ciência Aberta não como um processo único nem automático, mas um movimento influenciado por diversos fatores interligados, que, a depender do contexto, podem variar.

Nessa perspectiva, ainda que existam documentos formais e diretrizes que incentivem a implementação de suas práticas e a gradual consolidação do movimento, as condições efetivas para sua concretização e conscientização acerca de sua relevância apresentam caráter contextual e particular. Tal cenário demanda uma investigação cuidadosa dos atores envolvidos em cada ambiente, considerando seu nível de compreensão crítica, suas competências técnicas para lidar com ferramentas, por vezes novas e desconhecidas, e os processos de adaptação a mudanças nas rotinas de pesquisa. Trata-se, portanto, da incorporação de uma nova prática cultural no fazer científico, que envolve não apenas

diretrizes institucionais, mas transformações nas formas de pensar, agir e produzir conhecimento.

Esses fatores não são abstratos ou imutáveis: eles são concretos e podem ser identificados, analisados e trabalhados. No entanto, isso deve ser feito levando em conta as particularidades de cada contexto, como a área do conhecimento, o tipo de instituição, a cultura científica envolvida e as condições estruturais e financeiras existentes. Ou seja, compreender a Ciência Aberta significa reconhecer que sua consolidação depende de escolhas e ações contextualizadas, e não da aplicação de um modelo único válido para todas as situações. O que se torna central na prática da Ciência Aberta é a transparência e potencial colaborativo do processo: “O centro do processo científico se volta não somente para o documento final [...] mas a toda a cadeia produtiva, sendo o acesso a dados subjacentes tão relevante quanto os resultados” (Gama; Cianconi; González de Gómez, 2022, p. 37).

Alinhando-se a essas especificações, a autora Sanchez-Tarragó (2020) enfatiza a necessidade de contextualizar a abertura científica conforme as realidades locais e aponta que as perspectivas críticas indicam que, embora haja crescente ênfase nos aspectos técnicos e nos benefícios da aceleração promovidos pela Ciência Aberta, é necessário atentar para questões estruturais que não se resolvem apenas com maior abertura. A abertura do conhecimento não é, por si só, suficiente ou inerentemente positiva, pois depende de contextos históricos e culturais e da garantia de participação justa e colaborativa na produção científica. Além disso, modelos baseados na mercantilização do conhecimento tendem a gerar mais problemas do que soluções, tornando fundamental a preservação do caráter acadêmico e gratuito da publicação científica como condição para uma ciência efetivamente transformadora (Sanchez-Tarragó, 2020).

A Ciência Aberta, em essência, compreende a produção, o compartilhamento e o uso de dados científicos por pessoas interessadas em pesquisar temas comuns ou colaborar com o processo científico, independentemente de estarem formalmente vinculadas a instituições de pesquisa. A respeito dessa disponibilização pública do saber, Albagli (2015, p. 14) argumenta: “Advoga-se que a ciência aberta promove o aumento dos estoques de conhecimento público, propiciando não apenas a ampliação dos índices gerais de produtividade científica”. Uma vez que mais colaboradores estejam envolvidos e comprometidos com o desenvolvimento da ciência, maior a democratização com a transformação de cidadãos em atores ativos, agentes do conhecimento, promovendo a

ciência cidadã, visto que “trata-se do desenvolvimento de um 'novo contrato social para ciência' pautado numa maior humanização da participação civil” (Gama; Cianconi; González de Gómez, 2022, p. 46).

E é nessa perspectiva de ampliar as discussões e democratizar o conhecimento que a Recomendação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre Ciência Aberta estabelece um marco internacional para orientar políticas e práticas científicas mais transparentes, colaborativas e acessíveis. Ao definir princípios como o acesso aberto a publicações, dados e processos científicos, com vistas à promoção de um conhecimento científico acessível e reutilizável para todos, estabelece-se um compromisso ético, social e político em benefício da ciência e da sociedade. Ético porque firma adesão à responsabilidade de tornar o conhecimento científico acessível como bem público, orientado por equidade, transparência e integridade; social porque implica o acesso, a inclusão de diferentes públicos e a redução de desigualdades informacionais; e político porque envolve decisões e regulações sobre a produção e circulação do conhecimento, vinculadas às políticas públicas, ao financiamento e à governança da ciência.

O documento concebe a ciência aberta como um bem público global, fundamental para qualificar a pesquisa, reduzir desigualdades no acesso ao conhecimento e promover o direito à ciência, além de propor ações voltadas ao desenvolvimento de infraestruturas abertas, à capacitação de recursos humanos, ao fortalecimento de uma cultura de compartilhamento e à ampliação da cooperação internacional. Com esse pensamento, a UNESCO recomenda que os Estados-membros implementem e difundam esses princípios entre autoridades e atores do sistema de ciência, tecnologia e inovação, ao mesmo tempo em que incentiva a colaboração em iniciativas nacionais e internacionais e a prestação de informações sobre as medidas adotadas para sua efetivação (UNESCO, 2022).

Apesar dos benefícios apontados na literatura, a Ciência Aberta também enfrenta entraves e desafios à sua implementação. Albagli, Maciel e Abdo (2015) sinalizam que a Ciência Aberta apresenta conflitos no campo da produção do conhecimento, ao propor práticas como abertura e transparência de dados, colaboração, inclusão e liberdade de pensamento, contrastando com o modelo tradicional do final do século XX, centrado na propriedade intelectual. Essa abertura requer novas habilidades técnicas e informacionais demandadas aos pesquisadores no modelo aberto, isto é, “exige dos cientistas maior

envolvimento com gestão de dados de pesquisa e de sistemas de informação, flexibilidade para lidar com novas ferramentas de software” (Albagli; Clinio; Raychtock, 2014, p. 446).

Em contexto mundial, apesar da propulsão pós-pandemia a uma prática aberta na ciência, Alves (2021, p. 11) afirma que “ainda não é possível afirmar se tais ações terão força para transformar o atual sistema de comunicação científica, garantindo a sua permanência mesmo após o fim da pandemia”. Para isso, o futuro da ciência aponta para a intensificação da colaboração tecnológica e para o realinhamento entre as demandas sociais e a produção acadêmica, uma vez que a Ciência Aberta se apresenta como um método capaz de tornar mais eficientes os processos de produção e disseminação do conhecimento (Albagli; Clinio; Raychtock, 2014). Nesse sentido, a necessidade de responder a agendas sociais e a demandas de desenvolvimento tende a impulsionar uma maior abertura da ciência, em suas diferentes acepções, fortalecendo a articulação entre pesquisa científica e transformação social (Albagli, 2015).

Considerando, assim, tanto os aspectos positivos quanto aqueles que se colocam em oposição à abertura científica, é possível relacioná-los a fatores intrínsecos às instituições, decorrentes de suas estruturas e culturas organizacionais, que se consolidam como padrões e passam a influenciar decisões e práticas institucionais. Tais elementos são aqui denominados Fatores Cristalizadores de Decisão (FCD), termo oriundo dos estudos em inteligência competitiva, mas que se articula com as discussões da Ciência Aberta. Essa aproximação se justifica na medida em que, também no campo científico, se evidenciam desafios complexos e questões urgentes que demandam respostas rápidas, fazendo com que tais fatores sejam considerados elementos decisórios no processo de definição sobre a abertura, ou não, dos dados científicos, enquanto estratégia para o enfrentamento de problemas globais contemporâneos.

Bittar, Oliveira e Lopes-Cendes (2025) afirmam que, ao garantir a disponibilidade e a usabilidade de publicações, dados, metodologias e códigos sem barreiras de acesso, a ciência torna-se mais eficiente, confiável e socialmente responsiva, estimulando a participação ativa de diferentes atores, como pesquisadores, formuladores de políticas, setor produtivo e cidadãos. Mais do que um movimento voltado à ampliação do acesso, configura-se como um campo emergente de pesquisa, fundamentado na cooperação, na liberdade acadêmica, na integridade e na qualidade científica.

As autoras enfatizam que, no âmbito científico, a prática favorece a validação e a reprodutibilidade dos resultados, a preservação digital dos dados, a redução de desigualdades no acesso à informação e o desenvolvimento de novos métodos, ferramentas e abordagens interdisciplinares. Para os pesquisadores, ampliam as possibilidades de colaboração, promovem o uso eficiente de recursos, viabilizam novas análises, aumentam a transparência, a visibilidade acadêmica, a integridade científica e estimulam a inovação. Para a sociedade, a Ciência Aberta contribui para o acesso ampliado ao conhecimento, fortalece a transparência das atividades de pesquisa e favorece o engajamento público, reforçando o papel social da ciência no enfrentamento de desafios contemporâneos (Bittar; Oliveira; Lopes-Cendes, 2025).

Nas Ciências da Saúde, por exemplo, essas oportunidades de colaboração podem acontecer a partir do compartilhamento dos cadernos de laboratório, que são ferramentas essenciais, onde estão as anotações das pesquisas e a guarda de registros, a gestão de dados, as análises iniciais e a interpretação dos resultados. Com a abertura, os dados podem ser compartilhados por diferentes grupos e as alterações são registradas, o que facilita o monitoramento pelos líderes e demais pesquisadores (Rocha; Sales; Sayão, 2017).

Quando se pensa no âmbito empresarial, Martins e Mendes-da-Silva (2024) apontam que os princípios e práticas da Ciência Aberta favorecem o avanço do conhecimento, a inovação e o aprimoramento da gestão executiva. Ao adotar uma postura baseada em transparência, colaboração e geração de impacto, gestores podem se beneficiar do que há de mais recente na literatura científica, resolver problemas reais em suas empresas e absorver os principais benefícios de inovações desenvolvidas externamente. Apesar dos desafios e barreiras, como custos, falta de habilidades, limitações na capacidade de absorção e questões legais, as oportunidades desse movimento se sobressaem, como demonstrado pelo compartilhamento, em escala global, de resultados de vacinas e tratamentos durante a pandemia de Covid-19, o que revelou o potencial do acesso aberto a dados científicos para acelerar a inovação e promover o desenvolvimento econômico.

Nesse sentido, a Ciência Aberta amplia o acesso a conhecimentos, dados e tecnologias, favorecendo a inovação e a resolução de problemas complexos com maior agilidade e menor custo, especialmente para startups e pequenas e médias empresas. Além disso, ao estimular a colaboração entre organizações e instituições de pesquisa, fortalece ecossistemas de inovação, evita redundâncias e potencializa sinergias estratégicas. O movimento contribui para a atração de talentos qualificados, ao valorizar ambientes transparentes e orientados à

produção científica, e reforça a reputação corporativa ao evidenciar compromisso com integridade, responsabilidade e impacto social, elevando a eficiência organizacional, aprimorando o monitoramento de tendências e qualificando a tomada de decisão, fortalecendo, assim, as práticas de inteligência competitiva (Martins; Mendes-da-Silva, 2024).

No contexto acadêmico, no qual a competitividade ainda se apresenta como uma característica persistente, a Ciência Aberta confronta práticas de sigilo ainda recorrentes entre pesquisadores em relação aos seus próprios dados. Mesmo quando não são utilizados imediatamente, esses dados tendem a ser retidos para uso futuro em benefício individual e/ou de sua equipe, configurando uma forma de controle sobre a informação científica e evidenciando uma postura pouco alinhada aos princípios de abertura, colaboração e compartilhamento do conhecimento. Entretanto, é preciso deixar claro que essa postura de restrição e não compartilhamento de dados, em muitos casos, decorre de acordos institucionais e de contratos de financiamento estabelecidos para o desenvolvimento das pesquisas (Silva, 2023).

Reis-Santos e Braga (2022) propõem que a Ciência Aberta deve focar na equidade para ser realmente efetiva. Elas salientam que é importante “trabalhar para que as repercussões deste movimento contemplem também a base da pirâmide, e não apenas o topo, resultará numa condição de participação mais equânime nesta 'festa'[...]" (Reis-Santos; Braga, 2022, p. 3). Ou seja, os benefícios gerados por esse movimento não devem se concentrar apenas em grupos já privilegiados ou em atores que ocupam posições de maior poder, as repercussões da prática aberta devem alcançar também a “base da pirâmide” e criar condições para que diferentes grupos, especialmente aqueles com menos recursos, infraestrutura ou visibilidade, possam participar de forma efetiva e justa, promovendo inclusão, democratização do acesso e redução de desigualdades.

Entre desafios e oportunidades, é possível afirmar, de forma pragmática, que os atores decidem abrir ou não os dados científicos a partir de critérios previamente estabelecidos, os quais foram sendo construídos ao longo do tempo. Diante de cenários de incerteza, existem catalisadores que convertem diferentes opções em um caminho único e padronizado, frequentemente influenciados pela história, pela cultura e pelas experiências, sendo esses, no campo dos estudos de inteligência competitiva, denominados Fatores Cristalizadores de Decisão (FCD). Castro e Abreu (2006, p. 21) afirmam que:

A identificação dos itens de monitoramento, que surgem das incertezas com relação ao ambiente, e a transformação dos dados em inteligência endereçam o problema da incerteza na fase de infância de uma organização. Entretanto, à medida que a organização cresce e prospera, os fatores cristalizadores da decisão tendem a preponderar no processo decisório. Deste modo, a área de IC deve ter um procedimento para revisar constantemente os itens de monitoramento, pois estes podem perder o sentido à medida que o ambiente externo se modifica ou, mesmo, que eles percam a capacidade de identificar uma mudança relevante para a organização.

No contexto acadêmico-científico, a lógica apresentada pode ser compreendida a partir das diferentes fases da pesquisa, desde a concepção de grupos acadêmicos até as diversas práticas científicas. Pode-se dizer que a fase inicial corresponde tanto ao momento de emergência de um tema, abordagem ou metodologia quanto à constituição de grupos de pesquisa liderados por pesquisadores seniores, que supervisionam seus orientandos e estabelecem padrões de comportamento, valores e uma cultura científica compartilhada, incluindo critérios implícitos sobre produção, uso e, por vezes, retenção de dados. Trata-se de uma etapa marcada por incertezas conceituais, teóricas, metodológicas e institucionais, que exige intenso acompanhamento do ambiente científico, das agendas de pesquisa, das fontes de financiamento, das formas de validação acadêmica e das práticas de produção e compartilhamento de dados, sendo a identificação de itens de monitoramento, como tendências emergentes, políticas científicas e movimentos como a Ciência Aberta, parte fundamental para orientar decisões, transformar dados em conhecimento e reduzir a incerteza no processo decisório.

Ou seja, enquanto a inteligência competitiva contribui para a redução das incertezas ao longo do desenvolvimento das organizações, as investigações científicas orientam-se pela busca de respostas a dúvidas que emergem em seu contexto. Em ambos os casos, por meio de processos sistemáticos de investigação, procura-se monitorar o ambiente e transformar dados em inteligência e conhecimento, com vistas a subsidiar a tomada de decisão, ainda que a primeira esteja mais associada ao contexto empresarial e a segunda ao meio acadêmico-científico.

Durante esse processo, ocorre um amadurecimento que tende a consolidar ideias, percepções e comportamentos, que se tornam hábitos orientadores e influenciadores das ações a serem tomadas. Essas convenções são os FCD e configuram-se como elementos estáveis, ancorados em rotinas, experiências anteriores, cultura organizacional e crenças

institucionais, influenciando as decisões de forma mais automatizada. Como consequência, pode haver uma redução da atenção a novas informações, o que dificulta mudanças de postura e a substituição de padrões consolidados, mesmo diante de transformações no contexto.

Entretanto, a capacidade de acompanhar e responder a essas mudanças depende do reconhecimento de que o monitoramento não constitui uma atividade estática. Ao contrário, exige revisão contínua dos elementos observados, de modo a evitar a cristalização de práticas e possibilitar que organizações e ambientes científicos respondam de forma adequada às dinâmicas do contexto em que estão inseridos.

À medida que um campo, tema, grupo ou prática científica avança para uma fase de crescimento, consolidação e maturidade, os resultados passam a se materializar por meio de hipóteses confirmadas e de publicações em periódicos reconhecidos, fortalecendo normas, rotinas, critérios de avaliação, padrões de qualidade e modelos decisórios que tendem a se estabilizar e a atuar, de maneira natural, como FCD. Nesse estágio, práticas anteriormente experimentais tornam-se institucionalizadas, o que pode reduzir a sensibilidade às transformações do ambiente científico, tecnológico e regulatório.

Contudo, a incorporação dos princípios da Ciência Aberta tensiona esses padrões consolidados, tornando essencial a revisão contínua dos itens de monitoramento e dos próprios critérios decisórios, de modo a captar mudanças relevantes, como novas exigências de abertura de dados, transformações nos modelos de financiamento, possibilidades de colaboração com novos atores e ampliação do alcance e do impacto dos resultados, e evitar que estruturas consolidadas limitem a adaptação, a inovação e o impacto social no contexto acadêmico-científico. Observa-se, portanto, uma pressão crescente por mudanças estruturais e, conforme assinala Guanaes (2018, p. 5), “o movimento Ciência Aberta impõe à comunidade científica a necessidade de rever o seu modelo de produção, organização e difusão do conhecimento científico”. Nesse sentido, os Fatores Cristalizadores de Decisão necessitam ser revistos de forma urgente, sob o risco de comprometer os resultados e a efetividade das práticas científicas.

Considerando, nessa perspectiva, o conceito de inteligência competitiva, Vidigal e Ziviani (2015) pontuam que as organizações necessitam interagir com o ambiente externo para se posicionarem de forma mais competitiva, o que implica a capacidade de se anteciper às mudanças do mercado e de responder à volatilidade de seu macroambiente político,

econômico, sociocultural, tecnológico e regulatório. Alinhando-se a isso, o principal desafio político, ético e legal reside na condução de uma agenda global que promova a compreensão da ciência aberta e a superação de paradigmas tradicionais da práxis científica. A Ciência Aberta busca fortalecer áreas sensíveis e estratégicas, como saúde, meio ambiente, educação e pesquisa, além de fomentar o desenvolvimento econômico, científico e tecnológico. Trata-se de um movimento irreversível, voltado à superação da lógica da proprietização e à ampliação do acesso aberto aos bens intelectuais (Oliveira; Guimarães; Koshiyama, 2019).

Ir, portanto, na contramão dessas discussões pode levar ao que Morin (2006) chama de inteligência cega. Ele critica a fragmentação da inteligência, que reverbera no isolamento dos fenômenos de seus contextos, no rompimento da relação entre observador e objeto e na desintegração da compreensão das totalidades, levando à perda de sentido do conhecimento. Para Morin (2006), a excessiva compartimentalização disciplinar e a metodologia dominante produzem um obscurantismo que impede a articulação e a reflexão crítica dos saberes, ao mesmo tempo em que o conhecimento passa a ser mais registrado e controlado por sistemas informacionais do que discutido pelas mentes humanas. Nessa perspectiva, Silva (2023) ressalta que os sujeitos que fazem ciência são atores de um sistema vivo e que as manifestações e as limitações do sistema do qual fazem parte são construídas por eles mesmos: “Isso inclui a decisão de compartilhar ou não os dados científicos, gerir ou não esses dados com vistas a uma melhor reprodutibilidade da pesquisa, a revelar ou invisibilizar a evolução dos seus experimentos” (Silva, 2023, p. 54).

Uma crítica veemente a essa compartimentalização característica do ambiente acadêmico-universitário se relaciona com o conceito de “alta cretinização”, em que há uma excessiva divisão do conhecimento em disciplinas isoladas, privilegiando dados dos seus respectivos grupos em detrimento da compreensão contextual e global dos fenômenos, o que gera um obscurantismo intelectual (Morin, 2006). Nesse cenário, os processos decisórios passam a ser conduzidos de forma centralizada no pesquisador sênior ou em seu núcleo mais próximo, orientados por critérios cristalizados ao longo do tempo e por padrões internos consolidados, configurando um espaço decisório relativamente fechado que tende a se afastar das transformações do ambiente científico mais amplo, das dinâmicas colaborativas externas e das demandas do contexto global.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto aos objetivos, a pesquisa configura-se como descritiva, uma vez que busca identificar e caracterizar os fatores determinantes relacionados à abertura, ou não, dos cadernos de laboratório. Segundo Prodanov e Freitas (2013), as pesquisas descritivas são decorrentes de fatos observados, registrados, analisados, classificados e interpretados para caracterizar um determinado grupo ou fenômeno. No que se refere aos procedimentos, o estudo caracteriza-se como uma análise secundária de dados¹ para realizar um novo recorte analítico focado nos Fatores Cristalizadores de Decisão.

A pesquisa foi realizada no Instituto Keizo Asami (iLIKA) e essa escolha ocorreu em função da relevância institucional do órgão no contexto da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e do desenvolvimento de pesquisas na área das Ciências da Saúde. Anteriormente denominado Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami (LIKA), o instituto foi criado em 1984 a partir de um acordo entre os governos do Brasil e do Japão, idealizado pelos professores Keizo Asami, da Universidade de Keio, e Aggeu Magalhães Filho, da UFPE, com o objetivo de estudar doenças tropicais no Nordeste brasileiro. Inaugurado em 23 de abril de 1986 e nomeado em homenagem a Asami, tornou-se órgão suplementar da UFPE em 1989 e, no ano seguinte, ampliou suas atividades com a criação do Setor de Pesquisas Clínicas no Hospital das Clínicas. Em 25 de abril de 2022, foi elevado à condição de instituto (iLIKA), visando à expansão de suas atividades e ao fortalecimento da produção e difusão do conhecimento, mudança formalizada pela Resolução CONSUNI nº 03/2022, que substituiu a Resolução nº 01/1989. Atualmente, desenvolve projetos em parceria com instituições nacionais e internacionais, organizados em laboratórios que geram produtos científicos e tecnológicos, como artigos, patentes e softwares (UFPE, c2026a, c2026b, c2026c).

Para este artigo, o foco foi delimitado às respostas concernentes aos critérios decisivos para a abertura (ou não) dos registros dos cadernos de laboratório. Os dados da coleta original

¹ O presente artigo utiliza um recorte específico de dados primários coletados originalmente para a tese intitulada “Complexidade e (in)visibilidade na Ciência: uma teoria sobre as práticas científicas abertas a partir do uso dos cadernos de laboratório pelos pesquisadores do iLIKA/UFPE” (Silva, 2023). Enquanto a tese original propôs uma teoria sobre as práticas científicas abertas a partir do uso dos cadernos de laboratório pelos pesquisadores do Instituto Keizo Asami (iLIKA), relacionando-a ao Pensamento Complexo de Edgar Morin, o presente artigo isola as variáveis e foca nas respostas concernentes às motivações para abrir (ou não) os registros dos cadernos de laboratório, analisando-as especificamente sob a ótica dos Fatores Cristalizadores de Decisão para os pesquisadores participantes.

(realizada entre maio e novembro de 2022) foram obtidos a partir de uma entrevista semiestruturada², realizada com 13 pesquisadores vinculados ao iLIKA³, com formação nas áreas de Ciências da Saúde e Ciências Biológicas. À época, o convite aos pesquisadores foi realizado individualmente, por meio de WhatsApp e e-mail, ocasião em que foram apresentados os objetivos do estudo, os procedimentos de coleta e a garantia de confidencialidade das informações. As entrevistas foram, então, agendadas conforme a disponibilidade dos participantes e conduzidas presencialmente, mediante concordância formal e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Visando à elaboração deste trabalho, os dados da pesquisa original⁴ foram retomados, reanalisados e reorganizados em categorias convergentes aos Fatores Cristalizadores de Decisão, que influenciam a propensão à abertura (ou não) dos dados científicos. O instrumento contemplou dimensões como: tendência ao compartilhamento, motivações e resistência para a abertura, reflexões pessoais quanto à abertura ou fechamento dos dados científicos. De maneira mais técnica, para atender ao objetivo deste artigo, os dados foram reanalisados sob a seguinte releitura das categorias analíticas dispostas no Quadro 1:

² O estudo original foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Pernambuco, sob o Parecer nº 5.394.543. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O presente recorte garante o anonimato dos respondentes e a integridade das informações coletadas.

³ O *corpus* de entrevistados incluiu estudantes de pós-graduação (mestrandos ou doutorandos), sob a liderança de pesquisador vinculado ao iLIKA; pesquisadores vinculados ao iLIKA e/ou a algum de seus laboratórios técnicos, com titulação máxima de doutorado; e pesquisadores de pós-doutorado, sob a liderança de pesquisador vinculado ao iLIKA e/ou a algum de seus laboratórios técnicos.

⁴ A pesquisa original, da qual este artigo deriva, adotou a Teoria Fundamentada nos Dados (TFD) como arcabouço metodológico. Trata-se de uma abordagem qualitativa que visa à construção de categorias e interpretações analíticas a partir dos próprios dados empíricos, por meio de um processo sistemático de codificação e comparação constante, que envolve as etapas de codificação inicial, focalizada, axial e teórica. A codificação inicial corresponde a uma fase exploratória, na qual os dados são analisados minuciosamente – linha a linha e palavra por palavra –, gerando códigos provisórios, inclusive *in vivo* (diretamente extraídos das falas dos participantes). Em seguida, a codificação focalizada consiste na seleção e no refinamento dos códigos mais significativos ou recorrentes, funcionando como uma etapa de validação analítica. A codificação axial, por sua vez, busca estabelecer relações entre categorias e subcategorias, articulando condições, contextos, ações/interações e consequências, com o objetivo de integrar os dados de forma mais estruturada e conferir maior densidade explicativa à análise. Por fim, a codificação teórica corresponde à etapa de integração final, na qual as categorias são refinadas e articuladas em torno de um eixo central, possibilitando a construção de uma explicação teórica consistente (Charmaz, 2009; Tarozzi, 2011). As categorias resultaram do processo de saturação teórica (inerente à TFD) – momento em que novas coletas deixam de acrescentar elementos relevantes às categorias já identificadas –, o que levou ao encerramento das entrevistas com 13 respondentes.

Quadro 1 - Categorias analíticas para identificação dos Fatores Cristalizadores de Decisão

Entrevista semiestruturada (dimensões)	Categorias analíticas correspondentes	Conceito analítico (o que foi observado)
Tendência ao compartilhamento	Disposição comportamental e intencionalidade	O alinhamento entre o que o pesquisador faz hoje (prática) e o que ele pretende fazer (intenção).
Motivações e resistência	Determinantes de decisão: vetores de incentivo e fatores de retenção	As forças/os condicionantes que impulsionam a abertura (vetores) ou o sigilo (retenção/barreiras).
Reflexões pessoais (mudança)	Reflexão crítica e potencial de transmutação da práxis	O momento em que o pesquisador reavalia sua conduta ética e profissional após a entrevista.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Neste artigo, os dados foram organizados e analisados a partir das três categorias analíticas do Quadro 1, que são definidas a seguir:

- a) **Disposição comportamental e intencionalidade** – Esta dimensão transcende a mera tendência ao compartilhamento, abrangendo tanto a prática atual (o comportamento manifesto de abertura dos dados) quanto a propensão futura (intenção). No contexto da pesquisa em saúde, esta categoria mapeia a prontidão do pesquisador em realizar a transição do caderno de laboratório, comumente tratado como um registro privado e institucional, para um ativo de transparência e reprodutibilidade científica.
- b) **Determinantes de decisão: vetores de incentivo e fatores de retenção** – Nesta dimensão, isolam-se os elementos que atuam diretamente na cristalização da decisão de abrir ou omitir os dados. Ela subdivide-se em duas forças antagônicas:
 - **Vetores de incentivo:** Compreendem as forças externas e internas que impulsionam o dado para o domínio público, tais como mandatos de agências de fomento, exigências editoriais de periódicos de alto impacto e o compromisso ético com a ciência aberta.
 - **Fatores de retenção:** Atuam como as “âncoras” que inibem o compartilhamento, incluindo o receio de plágio ou perda da prioridade, a percepção de desorganização dos registros manuais e questões sensíveis de propriedade intelectual ou segredo industrial.

c) **Reflexão crítica e potencial de transmutação da práxis** – Esta categoria analisa o papel da entrevista como um dispositivo reflexivo para o pesquisador da saúde.

Divide-se em:

- **Reflexão crítica:** Avalia a capacidade do pesquisador de reavaliar seu próprio método de registro (caderno de laboratório), reconhecendo virtudes e fragilidades técnicas sob a ótica da auditabilidade.
- **Transmutação da práxis:** Identifica o reconhecimento, por parte do pesquisador, de que sua prática científica (práxis) pode e deve ser transformada. Investiga-se se a consciência gerada pelo processo de pesquisa altera sua percepção sobre a abertura de dados, indicando um potencial de mudança de comportamento em relação à forma como agia anteriormente.

Nesta reanálise, portanto, o foco concentra-se na identificação dos Fatores Cristalizadores de decisão, compreendidos como pontos de inflexão nos quais percepções, barreiras e facilitadores convergem para definir o comportamento final do pesquisador em relação à abertura ou à restrição dos dados. Para fins deste estudo, tais fatores são definidos como um conjunto de variáveis que, ao se articularem, consolidam a intenção do pesquisador em uma decisão manifesta. A cristalização ocorre quando o peso relativo desses elementos – sejam barreiras, como o medo do plágio, ou facilitadores, como o apoio à Ciência Aberta – supera os hábitos tradicionais de registro, resultando na escolha deliberada de tornar o caderno de laboratório um ativo público ou mantê-lo sob sigilo pessoal ou institucional.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os achados apresentados nesta seção são discutidos à luz das três categorias analíticas estabelecidas na seção anterior, buscando identificar os elementos que operam como fatores cristalizadores na decisão dos pesquisadores da saúde de abrir ou não seus registros científicos.

Iniciando-se pela **disposição comportamental e intencionalidade** dos pesquisadores em relação à abertura ou ao fechamento dos cadernos de laboratório, esta revela-se fortemente condicionada por relações interpessoais e pela cultura acadêmica construída no interior dos grupos de pesquisa. As parcerias estabelecidas, tanto no âmbito institucional quanto em colaborações nacionais e internacionais, são orientadas por propósitos comuns e

por uma lógica de ganho mútuo previamente definida, mas mantêm limites claros quanto ao compartilhamento de informações consideradas sensíveis. Nesse contexto, a confiança emerge como um critério central para a decisão de compartilhar dados, sendo construída progressivamente a partir das relações de orientação e formação acadêmica. Entretanto, Presot *et al.* (2021, p. 154) enfatizam que “a rastreabilidade, ou seja, o registro completo de todas as informações da pesquisa, é essencial não apenas para a interpretação científica correta, mas também para possibilitar a reconstrução do estudo”.

O pesquisador sênior exerce papel decisivo na conformação dessas disposições, influenciando diretamente a formação dos estudantes, os padrões de uso dos cadernos de laboratório, os protocolos adotados e os critérios sobre o que deve ou não ser registrado e compartilhado. Os cadernos são compreendidos como memória científica do grupo, reunindo dados brutos, métodos, resultados e registros temporais essenciais para a validação da pesquisa. No entanto, observam-se impasses internos quanto ao acesso a esses registros, evidenciados por práticas como a manutenção de diferentes versões de cadernos – rascunhos, versões fechadas, formatos físicos e virtuais –, o que reforça a existência de informações privilegiadas e tensiona a adoção de práticas alinhadas à Ciência Aberta. Nesse sentido, Presot *et al.* (2021, p. 155) reforçam os benefícios práticos da migração do registro físico para o eletrônico e afirmam que “a implementação de um caderno de laboratório eletrônico representa mais um avanço, que facilita o registro dos dados pelos usuários e o acesso à informação de qualquer lugar”.

Apesar de alguns pesquisadores demonstrarem preferência por cadernos eletrônicos, em função de sua capacidade de organização e armazenamento, o compartilhamento permanece condicionado à confiança e à pertença ao mesmo projeto ou grupo de pesquisa. Assim, a disposição para a abertura é frequentemente restrita e seletiva, refletindo uma intencionalidade que oscila entre valores colaborativos e estratégias de proteção da produção científica. Entretanto, como salientam Rocha, Sales e Sayão (2017), em um cenário de dados cada vez mais complexos e de avanços tecnológicos, as práticas de anotações em cadernos de laboratório em suporte físico se tornam cada vez mais obsoletas. Essas percepções podem ser observadas no Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 - Categoria analítica “Disposição comportamental e intencionalidade”

Fator Cristalizador de Decisão (FCD)	Natureza do FCD	Descrição analítica	Efeito na cristalização
Confiança interpessoal	Inibidor / Condicionante	A decisão de compartilhar dados está fortemente condicionada à existência de relações de confiança previamente estabelecidas, especialmente entre orientador, orientandos e colaboradores próximos.	Compartilhamento seletivo ou restrito
Influência do pesquisador sênior	Inibidor / Estruturante	O pesquisador sênior define padrões de conduta, critérios de registro e limites de compartilhamento, moldando disposições individuais e coletivas ao longo da formação acadêmica.	Consolidação de práticas fechadas ou parcialmente abertas
Pertencimento ao grupo ou projeto	Inibidor	O acesso aos cadernos de laboratório é frequentemente limitado a membros do mesmo grupo ou projeto, reforçando uma lógica de abertura controlada.	Manutenção do sigilo fora do círculo imediato
Tipo de pesquisa (básica × aplicada)	Condicionante	Observa-se maior aceitação da abertura em pesquisas de ciência básica, enquanto o sigilo é reforçado quando há potencial de geração de produtos ou valor econômico.	Abertura parcial e contextual

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Já os **determinantes de decisão**, compreendidos como vetores de incentivo (propulsores) e fatores de retenção (inibidores), atuam diretamente na cristalização das escolhas relacionadas ao compartilhamento dos cadernos de laboratório. Entre os fatores inibidores, destacam-se a preocupação com a propriedade intelectual, o receio de antecipar publicações ou patentes e a existência de contratos de confidencialidade, especialmente em pesquisas desenvolvidas em cooperação técnico-científica com empresas. Tais acordos impõem limites ao que pode ser divulgado, chegando, em alguns casos, a inviabilizar a publicação de artigos em periódicos que exigem acesso pleno aos dados para fins de revisão por pares.

A ausência de padrões nos registros dos cadernos também se configura como barreira relevante, uma vez que a diversidade de formas de anotação e organização dificulta a compreensão por terceiros e amplia o esforço necessário para o compartilhamento. Esse resultado confirma o argumento de Albagli, Clinio e Raychtock (2014) quando explicam que a Ciência Aberta exige habilidades técnicas para a gestão dos dados científicos. Soma-se a isso a competitividade percebida no ambiente acadêmico, inclusive entre pesquisadores da

mesma instituição, que veem na abertura dos registros o risco de perder vantagem competitiva diante de grupos com maior infraestrutura ou capacidade de execução mais rápida. Isso revela o desafio institucional para trabalhar a colaboração e reforçar o caráter dialógico da prática científica, demandando a construção de políticas e incentivos que promovam confiança, reconhecimento e equidade entre os atores. Nesse sentido, torna-se fundamental alinhar cultura organizacional e diretrizes institucionais para reduzir resistências e favorecer práticas inclinadas ao modelo aberto.

Por outro lado, fatores propulsores também foram identificados. Alinhado de forma consistente aos princípios estruturantes estabelecidos pela Recomendação da UNESCO sobre Ciência Aberta (UNESCO, 2022), as entrevistas mostram que a cultura institucional, quando orientada por valores de abertura, transparência e colaboração, atua como vetor decisivo para o compartilhamento, especialmente quando respaldada por políticas de financiamento e exigências de agências de fomento. As tecnologias digitais também são reconhecidas como facilitadoras da colaboração, da avaliação aberta e da comunicação científica, ampliando o alcance das pesquisas e qualificando o debate acadêmico. Além disso, a valorização do acesso aberto e da colaboração coletiva é associada à aceleração da produção científica, à redução de esforços duplicados e ao fortalecimento do impacto social da pesquisa, desde que haja garantia de reconhecimento e créditos aos autores. No Quadro 3, a seguir, esses determinantes são apresentados:

Quadro 3 - Categoria analítica “Determinantes de decisão: vetores de incentivo e fatores de retenção”

Fator Cristalizador de Decisão (FCD)	Natureza do FCD	Descrição analítica	Efeito na cristalização
Integridade de patentes e propriedade intelectual	Inibidor	O medo de comprometer patentes, publicações ou acordos de cooperação técnico-científica atua como forte barreira à abertura dos registros.	Cristalização do sigilo
Contratos de confidencialidade	Inibidor	A existência de acordos formais restringe a disponibilização de dados, podendo inviabilizar publicações que exigem acesso pleno às fontes primárias.	Retenção institucional dos dados
Desordem e ausência de padronização dos registros	Inibidor técnico	A heterogeneidade na organização dos cadernos dificulta o compartilhamento e amplia o esforço de curadoria, desestimulando a abertura.	Não compartilhamento

Fator Cristalizador de Decisão (FCD)	Natureza do FCD	Descrição analítica	Efeito na cristalização
Competitividade acadêmica	Inibidor simbólico	A percepção de disputa por prioridade e resultados reforça estratégias individuais de proteção da informação, inclusive dentro da mesma instituição.	Fechamento estratégico
Mandatos de agências de fomento	Propulsor	Exigências institucionais de abertura de dados atuam como gatilhos decisórios que impulsionam práticas alinhadas à Ciência Aberta.	Abertura condicionada
Cultura institucional de abertura	Propulsor	Ambientes institucionais que valorizam transparência, colaboração e acesso aberto favorecem decisões pela abertura dos registros.	Cristalização da abertura
Tecnologias digitais de registro e colaboração	Propulsor técnico	Ferramentas digitais facilitam organização, acesso e avaliação aberta, reduzindo barreiras técnicas ao compartilhamento.	Abertura operacional

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A **reflexão crítica** emerge como um elemento transversal que evidencia o potencial de transformação das práticas científicas. Ao refletirem sobre suas experiências, alguns pesquisadores reconhecem a necessidade de rever comportamentos consolidados, especialmente diante das possibilidades oferecidas pela Ciência Aberta para ampliar colaborações, otimizar resultados e fortalecer o avanço científico. Essa reflexão, contudo, não se traduz automaticamente em mudança prática, permanecendo, muitas vezes, no plano da intenção. Esse resultado evidencia uma assimetria entre a prática e a intencionalidade, reforçando que as dificuldades na implementação da Ciência Aberta vão além de aspectos técnicos. Trata-se de um desafio mais profundo, que demanda processos de conscientização e a promoção de mudanças de natureza epistêmica no sistema da comunicação científica, desde a concepção de ideias até a disseminação por meio da produção.

Observa-se, ainda, que a abertura tende a ser mais aceita em pesquisas de ciência básica, enquanto o sigilo é reafirmado quando há possibilidade de desenvolvimento de produtos ou aplicações com valor econômico. A decisão de abrir os cadernos também é, frequentemente, condicionada à hierarquia institucional, sendo percebida como mais viável quando parte de orientações superiores ou quando integrada à cultura organizacional do ambiente acadêmico. Essa hierarquização vai na contramão da ciência inteligente – termo adaptado a partir do conceito de cidade inteligente proposto por Lévy (1994) –, na medida em

que reforça estruturas centralizadas e rígidas, limitando a flexibilidade e a adaptação dos comportamentos e das práticas científicas. Nesse sentido, a reflexão crítica revela um campo de tensão entre práticas tradicionais, fatores cristalizados de decisão e novas demandas por abertura, indicando que a transmutação da práxis científica depende não apenas da conscientização individual, mas de mudanças estruturais, institucionais e culturais que sustentem decisões mais alinhadas aos princípios da Ciência Aberta.

Nesta análise, o ponto de inflexão não é tratado como um fator isolado, mas como o momento decisório resultante da convergência dos Fatores Cristalizadores de Decisão (FCD) identificados. Assim, cada FCD descrito no quadro representa um vetor cuja força, quando suficiente para romper a prática corrente de registro e sigilo, desencadeia a decisão manifesta pela abertura ou pelo fechamento dos cadernos de laboratório. No contexto analisado, o ponto de inflexão aparece, principalmente, nesta terceira categoria, conforme apresentado no Quadro 4, quando a reflexão crítica tensiona fatores cristalizados, mas ainda depende de condições institucionais e estruturais para se converter em prática. Ou seja, assim como a inteligência competitiva demanda o monitoramento contínuo do ambiente externo (Castro; Abreu, 2006), a ciência inteligente também requer atenção constante às transformações desse ambiente, de modo a incorporar novos fatores, cristalizá-los e refleti-los nas decisões que orientam as atividades científicas.

Quadro 4 - Categoria analítica “Reflexão crítica e potencial de transmutação da práxis”

Fator Cristalizador de Decisão (FCD)	Natureza do FCD	Descrição analítica	Efeito na cristalização
Reavaliação ética-profissional	Potencial catalisador	A reflexão sobre o impacto social da ciência, a colaboração e o acesso aberto promovem questionamentos sobre práticas consolidadas de sigilo.	Intenção de mudança
Valorização do acesso aberto	Propulsor reflexivo	O reconhecimento do papel do Open Access na ampliação do alcance, da crítica qualificada e do avanço científico fortalece disposições favoráveis à abertura.	Tendência à abertura
Hierarquia institucional como gatilho	Condicionante	A abertura é percebida como mais viável quando orientada por instâncias superiores ou incorporada como prática institucional.	Mudança dependente do contexto
Garantia de créditos e reconhecimento	Condicionante	A disposição para abrir dados está associada à segurança quanto à autoria, reconhecimento e proteção intelectual.	Abertura condicionada

Fator Cristalizador de Decisão (FCD)	Natureza do FCD	Descrição analítica	Efeito na cristalização
Ciência Aberta como campo de tensão	Catalisador gradual	A abertura é percebida como processo progressivo, cuja efetivação depende de mudanças estruturais nos FCD.	Transmutação parcial da práxis

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A cristalização da decisão sobre a abertura ou o fechamento dos registros científicos não se configura como um ato individual isolado do pesquisador, mas como o resultado da convergência entre fatores culturais, hierárquicos e institucionais, bem como de incentivos e barreiras de natureza técnica, jurídica e simbólica que estruturam o ambiente acadêmico-científico. Nesse contexto, a Ciência Aberta não se apresenta como uma ruptura imediata das práticas consolidadas, mas como um campo de tensão progressiva, no qual a transmutação da práxis científica depende do redesenho e da reconfiguração dos fatores cristalizadores de decisão, que são majoritariamente influenciados pela cultura do ambiente, de modo a tornar a abertura uma opção viável, legitimada e sustentada no plano institucional e coletivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que a decisão dos pesquisadores da área da saúde sobre a abertura ou o fechamento dos registros científicos decorre de um processo decisório complexo, no qual se articulam fatores comportamentais, institucionais, técnicos e culturais. A partir das três categorias analíticas – disposição comportamental e intencionalidade, determinantes de decisão e reflexão crítica e potencial de transmutação da práxis – identificam-se Fatores Cristalizadores de Decisão (FCD) que atuam como pontos de inflexão, consolidando a escolha final entre a abertura ou a retenção dos cadernos de laboratório.

No plano da disposição comportamental, a cultura acadêmica e as relações interpessoais estabelecidas nos grupos de pesquisa, especialmente sob a influência do pesquisador sênior, moldam padrões de registro e compartilhamento. O caderno de laboratório emerge, nesse contexto, como o núcleo da privacidade do pesquisador, pois concentra não apenas resultados consolidados, mas erros, tentativas e decisões intermediárias que compõem a prática cotidiana da ciência. Por essa razão, sua abertura é percebida como uma decisão sensível e não trivial.

Os determinantes de decisão manifestam-se como fatores inibidores e propulsores que cristalizam essa escolha. Entre os inibidores, destacam-se o medo de perda de propriedade intelectual, a antecipação de publicações ou patentes, contratos de confidencialidade, a ausência de padronização dos registros e a competitividade acadêmica. Em contraste, mandatos de agências de fomento, culturas institucionais favoráveis à abertura, tecnologias digitais e a valorização do acesso aberto atuam como vetores de incentivo ao compartilhamento.

Embora este estudo se baseie em dados coletados em um contexto específico e em um número reduzido de participantes, o estudo apoia-se em entrevistas aprofundadas e em categorias analíticas construídas com rigor metodológico. Ainda assim, reconhece-se que sua ampliação para outros contextos, bem como a aplicação do instrumento a um número maior de respondentes ou a diferentes áreas do conhecimento, pode gerar evidências complementares e aprofundar os achados obtidos. No que se refere à incorporação do conceito de Fatores Cristalizadores de Decisão, conceito utilizado nos estudos de Inteligência Competitiva, o trabalho evidencia a existência de elementos determinantes que influenciam a decisão de abrir ou não os dados científicos, além de indicar como essa escolha pode impactar processos de inovação, a antecipação de cenários e a geração de novos conhecimentos no âmbito da prática científica. A abertura dos dados científicos, portanto, redefine a competitividade na ciência, deslocando-a da lógica de exclusividade e retenção de informações para a capacidade de analisar, interpretar e aplicar dados disponíveis. Nesse contexto, o diferencial competitivo passa a estar na geração de conhecimento relevante, na rapidez dos *insights* e na articulação de redes colaborativas, promovendo uma ciência mais aberta, dinâmica, inovadora e orientada ao valor social.

Por fim, a reflexão crítica revela um campo de tensão entre práticas consolidadas e novas demandas por abertura, colaboração e impacto social. Embora alguns pesquisadores reconheçam o potencial transformador da Ciência Aberta, a mudança de comportamento depende da cristalização de experiências, pressões institucionais e convicções éticas. Assim, a abertura do caderno de laboratório tende a ocorrer de forma gradual, condicionada ao redesenho dos Fatores Cristalizadores de Decisão, mais do que como uma ruptura imediata com as práticas científicas tradicionais.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Ciência aberta em questão. In: ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia; ABDO, Alexandre Hannud. (org.). **Ciência aberta, questões abertas**. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. p. 9-25. Disponível em: <https://portolivre.fiocruz.br/ciencia-aberta-questoes-abertas>. Acesso em: 24 jan. 2026.

ALBAGLI, Sarita; CLINIO, Anne; RAYCHTOCK, Sabryna. Ciência aberta: correntes interpretativas e tipos de ação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 434-450, nov. 2014. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v10i2.749>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3593>. Acesso em: 24 jan. 2026.

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia; ABDO, Alexandre Hannud. (org.). **Ciência aberta, questões abertas**. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. Disponível em: <https://portolivre.fiocruz.br/ciencia-aberta-questoes-abertas>. Acesso em: 24 jan. 2026.

ALVES, Raíra Lima. **O impacto da pandemia da COVID-19 na Ciência Aberta e no campo da informação: reflexões e perspectivas**. 2021. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/24352>. Acesso em: 24 jan. 2026.

AMARO, Bianca; CAMPOS, Phillipe de Freitas; SENA, Priscila Machado Borges. O IbiCT na vanguarda do acesso aberto e da ciência aberta no Brasil: repercussão histórica de projetos de pesquisa, proposições legislativas e manifestos. In: SILVA, Fabiano Couto Corrêa da; STUEBER, Ketlen; CARVALHO-SEGUNDO, Washington Luís Ribeiro de (org.). **Ciência Aberta no Brasil: conquistas e desafios**. Porto Alegre: Letra1; São Paulo: SciELO, 2025. p. 43-70. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/292167/001257457.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 jan. 2026.

BITTAR, Maria Fernanda Ribeiro; OLIVEIRA, Thais Crippa de; LOPES-CENDES, Iscia. Ciência aberta: o caminho para a democratização do conhecimento e a inovação colaborativa. **Ciência & Cultura**, São Paulo, v. 77, n. 1, jan. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.48207/2317-6660.20250002>. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252025000100002. Acesso em: 24 jan. 2026.

CASTRO, José Márcio de; ABREU, Paulo Gustavo Frankilin. Influência da inteligência competitiva em processos decisórios no ciclo de vida das organizações. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 15-29, set./dez. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652006000300002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/qGNsjkBjWjQhGZXmgcz5RVm/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 24 jan. 2026.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada: um guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GAMA, Ivanilma de Oliveira; CIANCONI, Regina de Barros; GONZÁLEZ DE GOMÉZ, Maria Nélida. A abertura científica: o processo de ressignificação a partir dos movimentos Open Access e Open Science. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 28-53, out./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/29247>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/4fqh8qH6WLGf9B6w75kSZDd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 jan. 2026.

GUANAES, Paulo Cezar Vieira. (org.). **Marcos legais nacionais em face da abertura de dados para pesquisa em saúde**: dados pessoais, sensíveis ou sigilosos e propriedade intelectual. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/items/608c89e2-ebe6-4d44-a5f7-f2cf28a583b2>. Acesso em: 24 jan. 2026.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1994.

MARTINS, Henrique Castro; MENDES-DA-SILVA, Wesley. Como a ciência aberta beneficia a gestão executiva? **GV Executivo**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. e91213, jul./set. 2024. DOI: <https://doi.org/10.12660/gvexec.v23n3.2024.91213>. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/view/91213/86305>. Acesso em: 24 jan. 2026.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

OLIVEIRA, Adriana Carla Silva de; GUIMARÃES, Patrícia Borba Vilar; KOSHIYAMA, Débora Costa Araújo Di Giacomo. A ciência aberta e os direitos de propriedade intelectual: um olhar a partir da economia criativa e da ciência do commons. **Revista de Direito da Cidade**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 663-681, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/rdc.2019.32031>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/rdc/article/view/32031>. Acesso em: 24 jan. 2026.

PRESCOTT, John E.; MILLER, Stephen H. **Inteligência Competitiva na Prática**: estudos de caso diretamente do campo de batalha. Tradução: Alexandre Feitosa Rosas. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2002.

PRESOT, Ivanete Milagres; LUKES, Felipe Miguel Nery; SIQUEIRA, Márcia de Oliveira; DELFINO, Renato Guimarães; FERNANDES, Gabriel da Rocha. Experiência de implantação do caderno de laboratório eletrônico em um grupo de pesquisa de uma instituição pública de saúde: viabilidade e impactos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 7, n. 10, p. 153-167, out. 2021. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i10.2552>. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2552>. Acesso em: 24 jan. 2026.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

REIS-SANTOS, Barbara; BRAGA, Cynthia. Ciência aberta, equidade e o cenário brasileiro. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 2022604, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2237-96222022000200001>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ress/a/nKSnbvbsMMbs4PSDQ9Zj7H/?lang=pt>. Acesso em: 24 jan. 2026.

ROCHA, Lucas de Lima; SALES, Luana Farias; SAYÃO, Luís Fernando. Uso de cadernos eletrônicos de laboratório para as práticas de ciência aberta e preservação de dados de pesquisa. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 11, n. 3, p. 2-16, dez. 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/69233>. Acesso em: 24 jan. 2026.

SANCHEZ-TARRAGÓ, Nancy. Ciência aberta e acesso aberto para o Sul: perspectivas críticas e desafios. In: MOREIRA, Luciana Albuquerque; SOUZA, Jacqueline Aparecida de; TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho (org.). **Informação na sociedade contemporânea**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 19-38. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31021>. Acesso em: 24 jan. 2026.

SILVA, Marcela Lino da. **Complexidade e (in)visibilidade na ciência**: uma teoria sobre as práticas científicas abertas a partir do uso dos cadernos de laboratório pelos pesquisadores do iLIKA/UFPE. 2023. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

STUEBER, Ketlen; SILVEIRA, Filipe Xerxeneski da; TEIXEIRA, Maria do Rocio Fontoura. Ciência aberta, acesso aberto: revisão de literatura da comunicação científica sobre Covid-19 na plataforma SciELO (2020). **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. especial 1, p. 348-367, mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E124>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/Zms9XYRMzV6hMvXwCnkZnqv/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 24 jan. 2026.

TAROZZI, Massimiliano. **O que é a grounded theory**: metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados. Petrópolis: Vozes, 2011.

TEIXEIRA, Renata Cristina; SOUZA, Cristina. Evolução da inteligência competitiva com base em estudo métrico de sua literatura. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 170-185, jan./mar. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2037>. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/37514>. Acesso em: 24 jan. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Instituto Keizo Asami**. Recife, c2026a. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ilika>. Acesso em: 5 abr. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Laboratórios**. Recife, c2026b. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ilika/lab>. Acesso em: 5 abr. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Nossa História**. Recife, 2026c. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ilika/sobre>. Acesso em: 5 abr. 2026.

UNESCO. Recomendação da UNESCO sobre Ciência Aberta. In: CONFERÊNCIA GERAL DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 41., 2021, Paris. **Anais [...]**. Paris: UNESCO, 2022. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379949_por. Acesso em: 5 abr. 2026.

VIDIGAL, Frederico; ZIVIANI, Fabricio. Inteligência competitiva: histórico, evolução e metodologias organizacionais sob a ótica da Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: ENANCIB, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/187474>. Acesso em: 18 set. 2025.

Declaração de Contribuição dos Autores

Marcela Lino da Silva – Conceptualização – Curadoria dos Dados – Análise Formal – Investigação – Metodologia – Supervisão – Validação – Visualização – Escrita (rascunho original) – Escrita (análise e edição).

Raimundo Nonato Macedo dos Santos – Conceptualização – Análise Formal – Metodologia – Supervisão – Validação – Escrita (análise e edição).

Arlindo Figueirôa Escobar Teixeira de Oliveira – Análise Formal – Metodologia – Validação – Visualização – Escrita (análise e edição).

Como citar o artigo:

SILVA, Marcela Lino da; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; OLIVEIRA, Arlindo Figueirôa Escobar Teixeira de. Fatores cristalizadores de decisão na adoção (ou não) de práticas de Ciência Aberta. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, RN, v. 10, p. e42745, 2026. DOI: <https://doi.org/10.21680/2447-0198.2026v10n142745>.

Editora de seção

Dra. Nancy Sánchez Tarragó  